

22.Dezembro.1962 - Sábado

O sol já havia se escondido havia uma porção de tempo.

Estava anoitecendo...

Saindo de seu trabalho, o rapaz bateu um papo com alguns conhecidos pela esquina, tomou um aperitivo e enquanto discutia os últimos resultados do campeonato brasileiro de futebol, arriscava a dar algum palpite sobre a Esportiva também...

E a conversa estava bastante animada, e não fosse a noite que chegava ameaçadora, o rapaz talvez até se esquecesse' que tinha ainda uma longa caminhada a fazer...

E ele despediu-se dos amigos, tomou um último "trago", deu umas palmadinhas nas costas de uns três ou quatro e saiu do bar.

Olhou para cima e para baixo: na distração da conversa animada, esquecer-se do horário da Circular e esta devia ter passado há muito tempo...

E ele espreguiçou-se ao imaginar o longo trajeto que teria que fazer a pé...

Olhou para os sapatos, como quem receiasse que eles não suportassem a caminhada e, como costumava dizer aos amigos, "botou sebo nas canelas", e tocou rua abaixo...

A noite já reinava com a lua pelos céus, quando ele surgiu na Rua D. Fernando Taddey, em passos apressados, em direção à sua casa...

E no caminho ia meditando:

- O diacho! Eu bem que podia arrumar uma casinha aqui mais pelo centro... Pelo menos podia conversar até mais tarde, e não era obrigado a dar todo dia essa bruta caminhada...

E perdido em seus pensamentos, ele prosseguia a andar, a andar sempre e sempre em direção à sua casa...

Já estava defronte a estação e ainda prosseguia meditando e com um pouco de medo da noite...

E logo depois, quando passou pelo Matadouro, foi que ele ficou realmente com medo da escuridão...

Sim, pois por ali não havia uma Lâmpada sequer...

Sem que percebesse, tropeçou numa pedra...

Sabia que quando chegasse em casa, a mulher o chamaria de "bêbado" pela roupa suja do tombo que acabara de levar...

Mas ele não era bêbado, não.

Apenas a pedra surgira em seu caminho escuro e sem luz e

24.Dezembro.1962 - 2ª Feira

Era uma vez numa cidade chamada Jacarezinho, um recanto bem agradável.

Era uma Praça. Uma praça bonita e arborizada.

Em outros tempos, ela fora um larg. E sobre si carregava a pesada responsabilidade de uma Igreja, a Igreja da cidade.

E era um largo sem nome e sem denominação, conhecido honrosamente como o Largo da Igreja.

E o tempo foi passando, a Igreja mudou de residência, passando para bem defronte a Santa Casa de Misericórdia.

E o largo sofreu uma mudança; construíram um grande muro em torno de si. Mas, ele, acostumado com liberdade, não gostou daquela prisão, e, na primeira chuva que deu colocou abaixo aquele paredão.

E depois, naqueles tempos antigos, o largo sempre alegre, passou a acolher todos os circos que passavam por Jacarezinho. E os elefantes e leões sentiam-se como em sua própria casa naquele Largo acolhedor.

Mas, um dia veio o progresso. E expulsaram dali os circos. Começaram a dinamitar umas pedras que por ali haviam.

E o Largo não compreendia o que estava havendo. Mas, sujeitava-se pacientemente aos caprichos dos homens e sorria calado as explosões.

Até que, sem que ele notasse deram-lhe um nome pomposo: ele fora promovido de Largo para Praça. Na verdade, não era o que ele desejava, pois sua aspiração maior era ser denominado Jardim. Mas, o nome "Rui Barbosa" que lhe emprestavam, enchiam-no de orgulho e vaidade.

E começaram a enfeitar. Plantaram árvores bonitas. Um chorão manhoso foi para ali transportado.

Calçaram, ajardinaram, deram, enfim, um traje de gala que ele, todo pomposo exibia à cidade.

E numa bonita noite, numa noite quente e enluarada, era inaugurada a bonita fonte luminosa.

E durante muito tempo a Praça Rui Barbosa, aos sábados e domingos, nas noites alegres e festivas, engalanava-se toda com suas bonitas luzes coloridas.

Mas, um dia, tudo ali se apagou. A Praça que não compreendia nada, se entristeceu. A fonte não funcionava mais. O que teria feito a Praça Rui Barbosa para merecer, aquele castigo? Seriam os discursos dos políticos que às vezes ela, como gentil anfitriã, recebia?